

Risco Sistêmico e pânico global: a racionalidade precisa prevalecer

Marco A. S. Martins, Professor UFRGS

Desde o final de janeiro, o mundo vem acompanhando a propagação do Coronavírus, uma família de vírus que causa infecções respiratórias. O novo agente, denominado COVID-19, surgiu na China no final de 2019, sendo que o período de incubação do vírus, ou seja, o tempo que leva para o surgimento dos primeiros sintomas, pode ser de 2 a 14 dias.

De uma forma geral, a transmissão viral ocorre apenas enquanto persistirem os sintomas, mas é possível que haja transmissão viral após a resolução dos sintomas. Em que pese a duração do período de transmissibilidade ser desconhecida para o coronavírus, a taxa de mortalidade é menor que a SARS e MERS.

Na região de Wuhan, na China, onde a epidemia iniciou, a estratégia é colocar os suspeitos de infecção, bem como os infectados no regime de quarentena. A velocidade de propagação do vírus, bem como o aumento da quantidade de infectados em diversos países da Ásia, Europa e América do Norte, tem gerado um elevado nível de incerteza em relação aos impactos da epidemia sobre a atividade econômica, que vem sendo agravado com a adoção de medidas drásticas para conter a velocidade de avanço do vírus.

Nas últimas duas semanas, o noticiário ficou repleto de eventos cancelados, fechamento de parques temáticos, paralisação de algumas atividades industriais, etc., espalhando um medo crescente e contagiante entre as pessoas, resultando em deterioração das expectativas de crescimento da economia global. A consequência imediata é a elevação da aversão ao risco dos investidores globais com a deterioração dos preços dos ativos, em movimentos bruscos, com forte volume de venda e com os investidores refugiando-se no dólar.

Para aumentar ainda mais o nível de incerteza e azedar de vez o humor dos investidores, a semana começou com os preços do petróleo desabando no mercado internacional, após a decisão da Arábia Saudita de cortar o valor de venda do barril, iniciando uma guerra de preços entre os grandes produtores, na esteira do fracasso das negociações entre a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e a Rússia sobre o tamanho da produção da commodity. A Rússia se opôs à proposta de cortes mais profundos na produção de petróleo sugeridos pelos países da Opep e disse nesta segunda-feira que o país poderia suportar preços do petróleo entre US\$ 25 e US\$ 30 o barril por um período entre seis e dez anos.

O derretimento dos preços do petróleo e o medo de paralisia da economia global por conta do coronavírus levaram os mercados a viverem um dia de “tempestade perfeita”, com pesadas perdas nos índices das bolsas, levando ao pânico os investidores.

Historicamente os ciclos econômicos são permeados por momentos de “exuberância irracional”, onde o crescimento da economia e dos preços dos ativos atinge patamares irracionais, alternados por momentos de “depressão irracional”, onde todos vendem tudo a qualquer preço, como se o fim do mundo estivesse próximo. Foi assim em 2008 com a crise do *subprime*; em 2001 com a queda do World Trade Center – WTC e a quebra da Enron; em 2000 com a crise da bolha da internet; e em 1995 com a quebra do Barings, entre tantos outros. Estes movimentos, caracterizados muitas vezes como “o estouro de uma bolha especulativa”, surgem de surpresa, após um longo ciclo de alta dos preços. Após um curto período de desespero, os mercados se recuperam e retomam a racionalidade no comportamento dos preços.

Vale destacar que as bolsas americanas vinham com uma tendência de alta desde 2008, interrompida por rápidos movimentos de realização de lucros, sendo que a última queda expressiva ocorreu no final de 2018, quando temores em relação ao vigor do crescimento econômico americano detonaram uma forte realização de lucros. O IBOVESPA por sua vez, vem embalado desde maio de 2019, com a aprovação da reforma da previdência e a acentuada

queda da taxa SELIC, com as pessoas físicas empurrando os preços das ações para sucessivos recordes, mesmo sem um crescimento PIB pujante ou uma melhora substancial nos lucros das companhias.

Mesmo sabendo que uma pandemia do coronavírus possa gerar pânico e, no limite, levar a um forte desaquecimento na economia global, cabe aos investidores recobrem a serenidade e racionalidade, tentando resistir ao “movimento de manada”, respeitando os princípios de diversificação e operando com base numa visão de longo prazo, deixando a volatilidade de curto prazo para os profissionais dedicados a obter ganhos de curto prazo com a flutuação dos preços, pois, a despeito das dificuldades conjunturais, a economia global deverá encontrar mecanismos eficientes para dissipar as incertezas de curto prazo e retomar o caminho de crescimento.